Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

PARA PENSAR A CARTOGRAFIA ESCOLAR: relato de uma oficina pedagógica para professores em atuação e graduandos em Geografia

Natália Lampert Batista
natilbatista3@gmail.com

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Pós-Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM.

Maurício Rizzatti
geo.mauricio.rizzatti@gmail.com

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Guilherme Moreira da Silva
guilhermems2010@gmail.com

Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

RESUMO

A formação inicial e continuada de professores de Geografia para o trabalho com a Cartografia Escolar é essencial na contemporaneidade, pois se constitui como uma forma de diversificar as linguagens no ensino dessa temática na disciplina de Geografia, bem como potencializa a compreensão das intencionalidades cartográficas, tão em destaque nos múltiplos suportes onde os mapas são apresentados. Com base nisso, o presente artigo tem como objetivo relatar uma oficina pedagógica desenvolvida com graduandos e professores de Geografia em atuação voltada ao desenvolvimento e aprofundamento de noções cartográficas e da leitura e representação espacial. A oficina foi desenvolvida na X Semana Acadêmica da Geografia da Universidade Federal de Santa Maria. Contou com a participação de treze graduandos e dois docentes da rede pública de ensino. Para a avaliação da proposta foi aplicado um questionário aos participantes e analisados seus dados e as vivências durante a prática pedagógica. Conclui-se que mesmo os docentes e graduandos em Geografia apresentam dificuldades de compreensão da espacialidade, o que reflete em dificuldades na sua (futura) atuação em sala de aula. Portanto, a formação para o uso da linguagem cartográfica se torna cada vez mais imprescindível para a qualificação da Cartografia Escolar na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE

Alfabetização cartográfica, Letramento cartográfico, Formação de Professores

PARA PENSAR EN LA CARTOGRAFÍA ESCOLAR: sobre un taller pedagógico a profesores activos y graduados en Geografía

RESUMEN

La formacion inicial y continua de los profesores para trabajar con la Cartografía Escolar es esencial en los tiempos contemporáneos, ya que es una forma de diversificar las lenguajes en la enseñanza de este tema en la disciplina de Geografía, así como mejorar la comprensión de las intenciones cartográficas, como resaltado en los múltiples soportes donde se presentan los mapas. En base a esto, este artículo tiene como objetivo informar sobre un taller pedagógico desarrollado con estudiantes universitarios y profesores de Geografía en acción dirigido al desarrollo y profundización de nociones cartográficas y de lectura y representación espacial. El taller se desarrolló durante la X Semana Acadêmica de Geografía en la Universidade Federal de Santa Maria. Tuvo la participación de trece estudiantes y dos profesores del sistema de escuelas públicas. Para la evaluación de la propuesta, se aplicó un cuestionario a los participantes y se analizaron sus datos y experiencias durante la práctica pedagógica. Llegamos a la conclusión de que incluso los profesores y estudiantes de pregrado en Geografía tienen dificultades para comprender la espacialidad, lo que refleja dificultades en su rendimiento (futuro) en el aula. Por lo tanto, la capacitación en el uso del lenguaje cartográfico se vuelve cada vez más esencial para la calificación de la cartografía escolar en la educación básica.

PALABRAS CLAVE

Alfabetización cartográfica, Literacie cartográfica, Formación de profesores

Introdução

A Cartografia Escolar é muito importante e necessária para o ensino de Geografia enquanto uma (múltipla) linguagem contemporânea. Os mapas sempre fizeram parte da abordagem geográfica, todavia, na atualidade estão ainda mais em destaque. Há mapas nas roupas, nas redes sociais, nas tatuagens, nas estamparias, enfim, nos mais diversos espaços, tempos e circunstâncias. Assim, "Aprender a ler e a construir mapas na escola: eis um fenômeno tão difícil de definir e que, também somado a todo acúmulo da nossa cultura cartográfica, faz-se cada vez mais múltiplo e ilimitado" (GONÇALVES, 2017, p. 53). Toda essa exposição cartográfica, inclusive em sala de aula, nos leva a necessidade de desvelar as intencionalidades cartográficas nas entrelinhas dos mapeamentos e demais representações cartográficas e de pensar o espaço como fonte de construção de conhecimentos e de embasamento do raciocínio geográfico.

Girardi (2016) destaca que:

> A cartografia escolar brasileira é, reconhecidamente, um dos campos mais produtivos da cartografia escolar no mundo. Os avanços que foram realizados nessa área nos últimos anos são inegáveis, e muitos têm a sua parcela de contribuição. É tempo de intensificarmos o olhar sobre as práticas cartográficas e suas conexões e desconexões com as Geografias, sobre suas possibilidades e seus limites para falar do mundo atual, forçando, assim, os limites da linguagem para examinar no que ela resiste, no que ela desafia e no que já é letra morta que mais bloqueia que ativa os pensamentos. (GIRARDI, 2016, p. 93).

Por isso, é preciso pensar a inserção da Cartografia Escolar no cotidiano das escolas e para isso é imprescindível refletir sobre a formação docente para tal atuação com esse tema. Segundo Batista (2019), esse debate perpassa por uma efetiva formação inicial dos sujeitos para atuarem com a linguagem cartográfica e com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) que a permeiam e de uma formação continuada que de conta de instrumentalizar efetivamente os docentes para esse trabalho, mas, sobretudo, é imperativo que aja a adequação das infraestruturas escolares para receberem tais atividades, bem como a carga-horária de planejamento pedagógico adequado para tal realização. Ou seja,

> [...] De nada adianta questionar a atuação do docente da Educação Básica se o seu espaço de atuação não lhe permite a inserção de tais metodologias. Além disso, planejar e executar atividades mediadas por diferentes linguagens e que sejam interativas exigem planejamento, o qual, na maioria dos casos, conta com cargas-horárias insuficientes. Portanto, [...] é preciso para além da alfabetização tecnológica [e espacial] docente, as infraestruturas escolares e o respeito e a valorização do planejamento dos professores. Cobrar que os docentes inovem e produzam metodologias diferenciadas, sem lhes oferecer condições para isso, é totalmente incoerente [...]. (BATISTA, 2019, p. 154-155).

A Cartografia Escolar do presente envolve elementos analógicos e elementos digitais, exige novas posturas docentes, mas para que isso se torne mais abrangente e mais efetivo na prática escolar é preciso que o professor em atuação tenha tempo para realizar essas atividades, disponha dos materiais necessários para sua execução, compreenda as diferentes realidades e contextos de atuação e vivencie uma formação (inicial e continuada) que privilegie o seu processo de ensino-aprendizagem e de autoformação docente, por um viés inovador e articulado com o que se espera de sua prática metodológica na atualidade, colocando-o como protagonista da sua professoralização e instigando-o a desejar promover tais práticas com seus alunos (BATISTA, 2019).

Partindo dessas premissas, pensamos a oficina pedagógica intitulada “Cartografia Escolar: teórica e prática na contemporaneidade”, que foi ofertada na X Semana Acadêmica da Geografia da Universidade Federal de Santa Maria. Essa oficina abordou teoricamente alguns aspectos essenciais a Cartografia Escolar na contemporaneidade

visando à articulação teórico-prática entre as habilidades e competências da Cartografia Escolar com a formação docente (inicial e continuada), ou seja, a prática visou gerar uma experimentação pedagógica por graduandos e docentes da educação básica sobre o trabalho com a espacialidade e com ferramentas colaborativas da Cartografia Escolar. Frente a isso, o presente artigo visa relatar a oficina pedagógica desenvolvida com graduandos e professores de Geografia em atuação voltada ao desenvolvimento e aprofundamento de noções cartográficas e da leitura e da representação espacial.

A oficina contou com a participação de quinze graduandos e docentes da rede pública de ensino. Para a avaliação da proposta foi aplicado um questionário aos participantes e analisados seus dados e as vivências dos participantes e dos ministrantes durante a prática pedagógica. Observou-se que, tanto os docentes e como os graduandos em Geografia, apresentaram dificuldades de compreensão da espacialidade durante a prática desenvolvida e relatada na sequência, o que reflete em imprecisão frente à temática na sua (futura) atuação em sala de aula e, consequentemente, justifica o desenvolvimento de atividades como esta para a sensibilização dos docentes e futuros docentes sobre a importância da abordagem da linguagem cartográfica na escola. Portanto, a formação para o uso da linguagem cartográfica se torna cada vez mais urgente para a qualificação da Cartografia Escolar na educação básica.

Desenvolvimento e reflexões sobre a oficina pedagógica

Ao destacarmos a abordagem da Cartografia Escolar, seja para a formação docente seja para os estudantes da educação básica é preciso referendar a abordagem de Almeida (2002) que aponta que:

> A cartografia [...] ao se constituir como área de ensino, estabelece-se também como área de pesquisa, como um saber que está em construção no contexto histórico-cultural atual, momento em que a tecnologia permeia as práticas sociais, entre elas, aquelas realizadas na escola e na sociedade. [...] A cartografia escolar está se estabelecendo na interface cartografia, educação e geografia, de maneira que os conceitos cartográficos tomam lugar nos currículos e nos conteúdos de disciplinas voltadas a formação de professores (ALMEIDA, 2002, p. 9).

Assim, a Cartografia Escolar se constitui como um campo em expansão e que necessita ser abordado com fins de promoção da alfabetização e do letramento cartográfico. Tais termos, apesar de seu crescente uso, ainda geram dúvidas e confusões. Por isso, destacamos a conceituação esboçada por Richter (2017) para tais termos:

> A Alfabetização Cartográfica está fortemente relacionada ao processo metodológico de aprendizagem do mapa a partir dos seus elementos e conteúdos básicos, como signos, escalas, normativas, simbologia, orientação, etc. A construção dessa proposta teve forte influência pelos estudos de Oliveira (1978), marcando inúmeros trabalhos posteriores nesta perspectiva. Além desta pesquisadora, Almeida (2001) e Passini (2012) contribuíram significativamente para disseminar e divulgar essas ideias a partir de suas publicações. Ou seja, o termo alfabetização faz menção aos próprios códigos cartográficos que são essenciais para possibilitar a sua leitura. [...] Já o chamado Letramento Cartográfico se estabelece na ação e no processo de desenvolver o uso do mapa para as práticas sociais dos indivíduos, de entender o mapa como um instrumento que possibilita compreender nossas ações e vivências cotidianas. [...] Para isso é pertinente que o professor integre o mapa em diferentes atividades e propostas tornando esta linguagem mais viva e presente na vida do aluno. Representar seus caminhos, suas leituras espaciais, correlacionar diferentes formas de mapear com os conteúdos geográficos ensinados em aula são atividades que podem contribuir neste trabalho. (RICHTER, 2017, p. 291).

Neste sentido, a alfabetização e o letramento cartográfico permitem entender que "Os mapas e representações espaciais [são] produzidos pelos mais diversos grupos sociais [e] precisam ser considerados e ativos nas escolas e a Geografia tem um papel significativo nesta função" (GONÇALVES, 2017, p. 58). Para abordar tais conceitos, organizamos uma oficina pedagógica que foi desenvolvida com graduandos e professores em atuação para estimular o pensamento espacial e noções cartográficas como forma de sensibilização dos docentes e futuros docentes sobre a temática.

A oficina contou com a participação de quinze pessoas, dessas 66% eram do gênero masculino e 34%, feminino. A faixa etária variou entre 18 e 55 anos. Dos participantes, 13% eram professores formados e os demais (87%) eram acadêmicos dos cursos de Pedagogia (21%) e Geografia (66%). Dos acadêmicos, 34% já participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência e/ou do Programa Residência Pedagógica. Os professores formados não tiveram acesso aos Programas durante sua formação inicial. Com relação à atuação como docente de acadêmicos em sala de aula, 22% dos participantes apontaram que já atuam e 78% já estiveram na escola apenas como bolsistas ou estagiários ou nunca estiveram em sala de aula como (futuros) docentes.

A oficina teve como proposição inicial a elaboração de um trajeto pelo Campus Sede da Universidade Federal de Santa Maria pelos participantes, isto é, dividiram-se os inscritos em cinco grupos e cada grupo deveria sair da sala onde a oficina foi realizada (no prédio 17) e traçar um roteiro de acordo com os seus pontos de interesse e de vivência, anotando as direções, os pontos de referência (sem identificá-los por nomes) até um Ponto "P", conforme ilustrado na Figura 1. Após, todos retornaram para a sala e trocaram os roteiros com os demais grupos. Assim, cada grupo, com o roteiro pensado

pelos colegas, deveria tentar esboçar um mapa mental do trajeto percorrido pelos colegas.

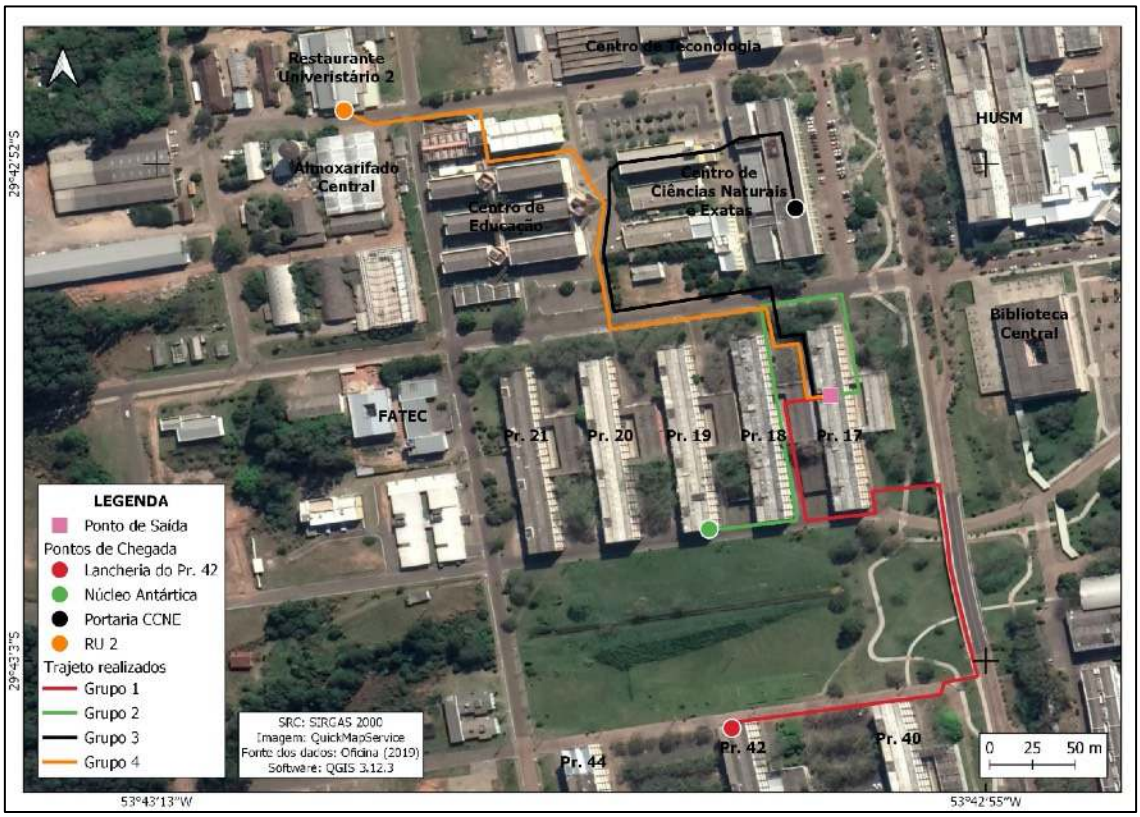

Figura 1: Trajetos realizado pelos grupos participantes durante a oficina pedagógica "Cartografia Escolar: teoria e prática na contemporaneidade"
Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Considerando que todos conhecem o espaço da Universidade, essa prática potencializou a abstração frente ao espaço vivido e fez com que os participantes precisassem imaginar o espaço para representá-lo. Após finalizar os mapas mentais, os grupos apresentavam para os demais para verificar se haviam identificado o roteiro proposto e cada "elaborador" do percurso apresentava com o *Google Earth* o roteiro inicialmente pensado para validação dos mapas elaborados pelos demais grupos. Observou-se que apenas apesar de algumas dificuldades, especialmente, com relação à lateralidade, apenas um grupo (Grupo 5) não conseguiu realizar a identificação do roteiro, pois quem o elaborou confundiu algumas direções no momento de realizar as anotações. Destaca-se que ocorreram vários debates nos grupos sobre como resolver a atividade, bem como que havia significativa preocupação com a transposição da visão horizontal para a visão vertical. Isso retoma a necessidade da alfabetização e letramento

cartográfico em todos os níveis do ensino de Geografia, pois não basta saber se deslocar-se no espaço sem interpretar esse espaço corretamente.

Dessa forma, "Mapear como um processo vivo, como algo que está se dando na relação, tal como o mapa afetivo da escola [ou dos caminhos da Universidade] [...] tornou-se um instrumento de expressão e transformação das relações e usos dos seus espaços". (GONÇALVES, 2017, p. 62). Os participantes necessitaram exercitar a criatividade e o pensamento espacial para concretizar a tarefa ali estabelecida, de mesmo modo, precisavam trabalhar as habilidades interpessoais para sistematizar o mapa mental em grupo[1], respeitando as orientações dos elaboradores do roteiro para descobrir o ponto de chegada do trajeto.

Por outro lado, mesmo todos os participantes conhecendo o espaço e transitando por ele, perceberam-se dificuldades em alguns grupos em concluírem a proposta, ou seja, as dificuldades referentes à orientação e lateralidade, a escala e as dimensões (como observado na fala "*São setenta passos grandes ou pequenos? Quem do grupo marcou?*") e a interpretação do espaço por meio da transição de uma visão horizontal para a vertical ficaram evidentes, porém, não desestimularam os participantes que buscavam, através de debates e de tentativas de localização e de abstração espacial, descobrirem o Ponto "P" que lhes foi desafiado. A Figura 2 apresenta momentos da interação do grupo durante a primeira etapa da oficina, trabalhando com a abstração espacial já existente.

[1] Não houve a entrega dos mapas mentais elaborados pelos grupos participantes da oficina para os ministrantes. Por isso, não foram apresentados no trabalho.



Figura 2: Atividades práticas realizadas durante a oficina pedagógica "Cartografia Escolar: teoria e prática na contemporaneidade": (a) e (b) elaboração de mapas mentais com base nos roteiros traçados pelos demais grupos, (c) apresentação dos grupos e (d) validação dos mapas mentais com o *Google Earth*.
Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2019.

Após o exercício inicial de abstração espacial realizado pelos participantes, fez-se uma síntese das habilidades necessárias para a atividade, ou seja, trabalharam-se os tipos de visão por meio do *Google Earth* e de holograma 3D elaborados com *StereoPhoto Maker*[2]. Assim, os participantes observaram a localização dos prédios da Universidade, bem como elaboraram e leram os anáglifos. Após, todos foram convidados para ir ao exterior do prédio, onde se abordou sobre a lateralidade e a orientação pelos astros e pontos cardeais, explanaram-se sobre a localização com base nos hemisférios e nas coordenadas geográficas, com a utilização de bússolas e receptores do Sistema Global de Navegação por Satélites (GNSS).

Ressalta-se que a lateralidade e a orientação foram sistematizadas a partir da clássica observação dos hemisférios corporais e da identificação das direções por meio do sol e do traçado os pontos cardeais e colaterais. Porém, mesmo sendo uma atividade bastante conhecida e recorrente em Livros Didáticos, ela serviu para reduzir dúvidas observadas na primeira proposição realizada na oficina.

[2] Segundo Rizzatti (2019, p. 68), "O *StereoPhoto Maker*" é um programa livre e tem a funcionalidade de editar imagens e poder alinhar automaticamente centenas de imagens e permite gerar um anáglifo para visualização de imagens em terceira dimensão (3D)".

Já a localização via coordenadas geográficas ocorreu pela observação das latitudes e longitudes no receptor de GNSS, ou seja, destacou-se para que lados às coordenadas variavam para mais ou para menos, em que direção estávamos "mais perto" ou "mais longe" de *Greenwich* ou do Equador. Isso serviu para desmistificar a ideia de que o Norte esta para cima e o Sul para baixo, bem como reformou os elementos de localização adicionados pelos grupos na elaboração dos seus mapas mentais na primeira etapa da oficina. Assim, fez-se uma síntese, por múltiplas linguagens e de modo interativo, dos conhecimentos que os graduandos e docentes necessitavam para resolver o desafio inicial. A Figura 3 demonstra algumas etapas dessas atividades.

(a)  (b) 

Figura 3: Atividades práticas realizadas durante a oficina pedagógica "Cartografia Escolar: teoria e prática na contemporaneidade": (a) e (b) abordagem sobre lateralidade, orientação, localização espacial e tipos de visões.
Fonte: Acervo pessoal dos autores, 2019.

Durante a realização da oficina, alguns participantes solicitaram auxilio dos ministrantes para transposição da visão horizontal para vertical, com o intuito de demonstrar com maior precisão o espaço, além disso as noções de lateralidade foram evidenciadas pela necessidade de movimentar o corpo para identificar se o trajeto percorreu a direção esquerda ou direita como uma forma de associação direta do movimento realizado com a direção no espaço. Isso remonta o processo de descentralização espacial nas leituras realizadas, mesmo acadêmicos de Geografia ainda apresentam dificuldades de perceber o espaço para além de sua corporeidade, trazendo evidentemente a necessidade de uma efetiva alfabetização e letramento cartográfico para o entendimento das espacialidades e interpretação correta de mapas e representações cartográficas, como defende Richter (2017).

Após a realização da oficina, os participantes foram convidados a responder duas questões abertas sobre o desenvolvimento da prática. A primeira questão se referiu a

como eles entendiam que essa oficina poderia ser realizada na prática pedagógica escolar. Entre as respostas se destacaram: "*Como uma aula dinâmica que envolve os estudantes na prática*", "*Acho que com as saídas de campo* [elaboração prévia do roteiro] *e com uso de mapas digitais e físicos", "Essa proposta pode ser desenvolvida para ter melhores noções de latitude, longitude, tipos de imagens, leitura e interpretação de mapas", "Pode ser realizada utilizando os espaços da própria escola e do bairro que está localizada, marcando pontos e pedindo que os alunos cheguem até eles", "Foi uma experiência incrível e que pode ser desenvolvida com todos os estudantes, inclusive da educação básica", "Por conta do material didático e interpretativo e da saída de campo, faz o professor interagir com os alunos", "Através da geolocalização com imagens ou até mesmo com a própria quadra esportiva da escola e, sim, seria uma ótima proposta didática para escolas"* e "*Visto o caráter cartográfico, acredito que é viável aplicar também nos anos iniciais para estimular a leitura espacial e a leitura dos mapas"*.

Com base nessas observações realizadas pelos participantes, tem-se que a oficina pedagógica cumpriu seu objetivo ao despertar nos docentes em formação e/ou em atuação o desejo por pensar a Cartografia Escolar com seus alunos por meio de práticas interativas e contextualizadas, visando desafiá-los e motivá-los para a real compreensão dos mapas. Claro que essa prática é apenas uma das diversas opções didático-pedagógicas para se trabalhar tais conhecimentos, porém apresentou-se de forma eficaz e viável aos olhos dos participantes e, por conseguinte, colaborou com a formação inicial e continuada dos mesmos frente a temática. Esse tipo de atividade realizada tanto no ensino superior como na educação básica é uma forma de potencializar o repensar sobre a Cartografia Escolar e de aproximá-la do espaço de vivência dos educandos, estimulando a suas leituras espaciais e cartográficas e, assim:

> [...] é possível afirmar a possibilidade de se romper com o ciclo de reprodução da Cartografia dos cursos de graduação no ensino de Geografia, na educação básica. Essa ruptura acontece quando o professor de Geografia, egresso da universidade, conhece os conceitos e os conteúdos cartográficos, conhece os fundamentos e princípios da ciência geográfica, compreende os mapas como linguagem e comunicação de fenômenos geográficos (naturais e sociais) e, principalmente, quando consegue estabelecer o diálogo e a integração entre os campos Cartografia e Geografia. (SOUZA; PEREIRA, 2017 p. 173).

Além disso, questionou-se também qual o parecer dos participantes sobre a oficina e obtiveram-se como retorno que foi "*Bastante esclarecedora", "Muito boa, parabéns!", "Foi top <3", "Oficina boa e didática. A parte prática fez com que entendêssemos nossas dificuldades em relação à abstração e o quanto é importante*

trabalhar isso com nossos alunos", "Foi incrível porque através de oficinas como essa podemos tornar o estudo dos mapas mais atraente para nossos alunos", "É legal saber que um ensino mais complexo pode ser levado aos alunos do ensino fundamental e médio devido ao uso correto de materiais didáticos, "Muito boa, explicativa, com uma didática incrível" e "*De fácil compreensão o que é importante para alguém que não veio da Geografia*".

Esse repensar da Cartografia na escola é essencial para que os alunos compreendam que esse tema pode ser muito interessante e motivador e, também, para desmistificar as abordagens docentes sobre a Cartografia Escolar. Portanto, a prática serviu como uma sensibilização dos docentes e futuros docentes frente à necessidade de pensar uma Cartografia Escolar do presente para que agregue a abstração e a leitura espacial, que vincule as múltiplas linguagens, que estimule os estudantes a pensarem o espaço geográfico por meio a leitura e compreensão espacial e, em especial, serviu para destacar a importância e a necessidade de discutir a temática da alfabetização e do letramento cartográfico com graduandos e docentes em atuação para que isso venha, futuramente, a refletir em práticas pedagógicas mais coerentes e com o que se busca com as discussões teórico-metodológicas da Cartografia Escolar na contemporaneidade.

Um esboço de conclusão

Com base em tudo que destacamos no decorrer do texto, pode-se apontar que a abordagem dos temas da Cartografia Escolar na formação inicial e continuada de professores, desenvolvida por meio de práticas desafiadoras e que promovam uma experimentação de atividades cartográficas, que podem ser desenvolvidas na educação básica, torna-se uma estratégia metodológica interessante e capaz de encorajar o trabalho com essa temática nas práticas docentes dos participantes dessas atividades. A oficina proposta na X Semana Acadêmica da Geografia da Universidade Federal de Santa Maria foi muito bem avaliada e recebida pelos participantes que se sentiram estimulados e inquietados na realização das atividades.

Portanto, pensamos que a formação inicial e continuada de professores para o trabalho com a Cartografia Escolar na educação básica deve ser pensada a partir de um viés interativo, dinâmico e desafiador para que engaje os participantes dessas formações no desejo que repensar e replicar práticas neste estilo com os seus (futuros) alunos, promovendo assim uma nova visão frente à Cartografia e demostrando o quanto os

mapas e representações espaciais pode ser úteis e necessários ao entendimento de mundo. Assim, a instrumentação pedagógica realizada na oficina aqui relatada pode se tornar um subsídio às práticas pedagógicas escolares dos envolvidos na sua realização, bem como serve como estímulo a abstração espacial, a criatividade e a desmistificação da "*Cartografia como lobo mal do ensino de Geografia*".

Agradecimentos

Agradecemos as bolsas de Pós-doutorado em Geografia (PNPD/CAPES), de Doutorado em Geografia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código de Financiamento 001) e a Bolsa do Fundo de Incentivo a Extensão da Universidade Federal de Santa Maria.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. D. de. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2002.

BATISTA, N. L. **Cartografia Escolar, Multimodalidade e Multiletramentos para o ensino de Geografia na Contemporaneidade**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

GIRARDI, G. Mapeamento participativo, Cartografia Social e crítica: breves notas sobre práticas cartográficas escolares. In: AGUIAR, L. M. B; SOUZA, J. O. **Conversações com a Cartografia Escolar:** para quem e para que. São João Del Rei: UFSJ, 2016. p. 83-96.

GONÇALVES, A. R. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapa e experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, p. 51-66, 2017. Disponível em: http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/485. Acesso em 28 de junho de 2020.

RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, p. 277-300, 2017. Disponível em: http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/511. Acesso em 28 de junho de 2020.

RIZZATTI, M. **A cartografia escolar e as inteligências múltiplas no ensino de geografia:** contribuições das geotecnologias no ensino fundamental. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

SOUZA, C. J. O; PEREIRA, M. B. Cartografia escolar na formação do professor de geografia e a prática com mapas mentais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, p. 248-276, 2017. Disponível em: http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/513. Acesso em 28 de junho de 2020.

Recebido em 14 de setembro de 2019.

Aceito para publicação em 06 de junho de 2020.